

**Fichas de observação: síntese gráfica enquanto instrumento didático**  
*Observation sheets: graphic synthesis as a teaching tool*

Eduardo Américo Pedrosa Loureiro Júnior, Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva, Lya Brasil Calvet & Adson Pinheiro Queiroz Viana

didática, metadisciplina, design de informação

A escola moderna foi pensada em torno da homogeneidade dos estudantes (Alves, 2017). Este modelo buscou nivelar todos os alunos de cada sala e fazer com que se concentrassem na transmissão de conteúdo pretendida pelo professor. No entanto, este ideário se confrontou com alunos desnivelados e desatentos, situação que se agravou com a progressiva universalização da escolarização. Apresenta-se então uma dúvida: os estudantes estão realmente aprendendo aquilo de que necessitam para viver socialmente como pessoas, profissionais e cidadãos? (Gadotti, 2000; Hattie, 2012) Visando garantir o aprendizado necessário em suas disciplinas, dois professores universitários elaboraram um instrumento para ser usado em suas aulas: a Ficha de Observação, que consiste em um documento de página única com informações fundamentais sobre o conteúdo da disciplina em questão e com espaços vazios que devem ser preenchidos pelos estudantes ao final de cada aula. Por meio desse instrumento, esperava-se que os estudantes refletissem sobre os conteúdos essenciais, construindo um conhecimento crítico e duradouro a respeito deles. A partir da síntese objetiva e de outros recursos do design de informação, como indicadores de cor e conexões entre os saberes, a estrutura da Ficha passou a refletir seu próprio conteúdo a fim de auxiliar sua compreensão pelos estudantes. Dos relatos feitos pelos estudantes ao final das disciplinas, pudemos concluir que a Ficha de Observação atingiu parcialmente seus objetivos, mas que é preciso reformular sua estrutura e disposição de informações para garantir mais facilidade de preenchimento e também um aprendizado mais efetivo dos conteúdos.

*didactics, metadiscipline, information design*

*The modern school had in mind the homogeneity of the students (Alves, 2017). This model sought to level all students in each classroom and to make them focus on the content transmission intended by the teacher. However, this idea was confronted by students who were uneven and inattentive, a situation that was aggravated by the progressive universalization of schooling. A question arises: are students really learning what they need to live properly as humans, professionals, and citizens? (Gadotti, 2000; Hattie, 2012) In order to guarantee the necessary learning in their disciplines, two university professors have elaborated an instrument to be used in their classes: the Observation Sheet, which consists of a single-page document with fundamental information about the content of the discipline in question and with empty spaces that must be filled by the students at the end of each class. Through this instrument, students were expected to reflect on essential contents, building critical and lasting knowledge about them. From the objective synthesis and other resources of information design, such as indicators of colors and connections between pieces of knowledge, the structure of the Sheet began to reflect its own content in order to help students understand it. From the reports made by the students at the end of the semester, we could conclude that the Observation Sheet partially fulfilled its objectives, but that it is necessary to reformulate its structure and its information provision to guarantee easier filling and more effective learning of the contents.*

## 1 Introdução

A escola moderna, cujos indícios já se veem no século XVII, propõe a educação para todos, meninos e meninas, de todas as classes, indistintamente. A partir do século XIX, a implantação de tal escola se dá de maneira mais intensa, sendo assumida não apenas pela iniciativa privada mas também pelos estados nacionais: é preciso que haja uma escola tanto para cuidar dos filhos e liberar as mães para o mercado de trabalho quanto para preparar os futuros trabalhadores para uma disciplina das fábricas (Alves, 2017). Para viabilizar tão ousada

### Anais do 9º CIDI e 9º CONGIC

Luciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta, Cristina Portugal (orgs.)

**Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI**

Belo Horizonte | Brasil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

### Proceedings of the 9th CIDI and 9th CONGIC

Luciane Maria Fadel, Carla Spinillo, Anderson Horta, Cristina Portugal (orgs.)

**Sociedade Brasileira de Design da Informação – SBDI**

Belo Horizonte | Brazil | 2019

ISBN 978-85-212-1728-2

empreitada, foi proposto o ensino tal qual o conhecemos ainda hoje, com alunos divididos por nível em salas de aula isoladas. Baseava-se no pressuposto da homogeneidade dos estudantes. Esperava-se que todos os estudantes de cada sala apresentassem conhecimento prévio equivalente e que se concentrassem exclusivamente na transmissão de conteúdo pretendida pelo professor.

A implantação deste ideário logo se confrontou com alunos desnívelados, desatentos ou rebeldes, que não aprendiam tudo aquilo que se esperava deles. E a crescente universalização da escolarização agravou o quadro: quanto mais estudantes de camadas menos favorecidas socioeconomicamente entravam no sistema formal de educação, maior a dificuldade dos professores de dar aula para uma classe flagrantemente heterogênea. Nas últimas décadas, o rápido avanço das tecnologias de informação e comunicação aumentou a distração nas salas de aula: primeiro porque alunos que tinham acesso aos meios de comunicação em casa ou em *lan houses* não encontravam o mesmo conteúdo atraente em sala de aula; depois, os eletrônicos de pequeno porte (videogames portáteis e celulares) começaram a invadir o próprio espaço escolar. Paralelamente a isso, tem sido incentivado o uso de metodologias ativas, em que o aluno participa, escolhe e pesquisa. Essas propostas, embora bem-vindas, mantêm a dúvida: os estudantes estão realmente aprendendo aquilo de que necessitam para viver socialmente como pessoas, profissionais e cidadãos? (Gadotti, 2000; Hattie, 2012).

O que vem se passando com a Educação Básica começou a acontecer também com a Educação Superior, quando este nível de ensino começou a se expandir. No Brasil, o quadro é bem sintomático. Em 1995, tínhamos 1.759.703 estudantes em universidades. Em 2017, esse número era de 8.286.663 (INEP, 2018). Um aumento de 371% em apenas 22 anos. Se, anteriormente, os universitários vinham basicamente das elites e da classe média, nos últimos anos a população de baixa renda conseguiu acesso à formação universitária deixando mais visíveis as dificuldades didáticas de ensinar todo o conteúdo programático a todos os alunos.

Vivenciando esse problema em salas de aula de uma universidade pública estadual, um dos autores deste artigo aventou a hipótese: os alunos teriam um melhor aproveitamento se, em vez de aprenderem o conteúdo de maneira sequencial, o aprendessem de maneira cíclica, repetitiva. Em outras palavras, o aprendizado poderia melhorar se, em cada aula, os alunos aprendessem tudo o que precisariam aprender em toda a disciplina. Foi assim que surgiu a ideia da aplicação diária de uma ficha de observação, também adotada pela outra professora autora deste artigo. Nesse instrumento, o design de informação é incorporado como uma forma de auxiliar o entendimento do conteúdo. As fichas de observação e sua aplicação são descritas no próximo tópico.

## 2 Método e abordagem

A Ficha de Observação consiste num documento de página única, de configuração variável, com informações fundamentais sobre a disciplina - o conteúdo a ser aprendido - e com espaços em branco a ser preenchidos pelos estudantes a respeito de cada aula. Por meio desse instrumento, esperava-se que os estudantes refletissem sobre os conteúdos essenciais das disciplinas, construindo um conhecimento reflexivo, crítico e duradouro a respeito deles.

As fichas de observação (uma para cada disciplina) foram aplicadas durante um semestre letivo das disciplinas de Didática (duas turmas) e de Metadisciplina (uma turma) em duas universidades públicas. A disciplina de Didática foi ofertada para cursos de licenciatura (Física, Música, Letras e Geografia). Já a Metadisciplina foi ofertada como turma mista tanto para o curso de Design (com estudantes também de Arquitetura e Urbanismo) quanto para professores em período probatório de diversas áreas, numa parceria com a Comunidade de Cooperação e Aprendizagem Significativa (CASA), programa de formação docente da Universidade Federal do Ceará (UFC). Ao final de cada aula, os estudantes identificavam os itens da Ficha de Observação que estiveram presentes na aula. Tal identificação foi feita de diversas formas ao longo do semestre: individualmente, em pequenos grupos e coletivamente.

A ficha contém um primeiro aspecto fundamental do design de informação: a síntese objetiva. Enquanto ao professor ela garante a verificação do entendimento e da assimilação de

conteúdos fundamentais, ao aluno serve como uma ferramenta de reflexão e análise a respeito do que deve ser apreendido.

Nas disciplinas de Didática, a Ficha de Observação (Figura 1) é composta de um pequeno cabeçalho para identificação da data e de três seções que buscam resumir a ementa da disciplina: uma primeira seção referente às dimensões do processo de ensino-aprendizagem (com as subseções humana, técnica e política); uma segunda seção referente aos elementos do planejamento didático (com as subseções objetivo geral, conteúdo, objetivos específicos, metodologia, recursos, avaliação diagnóstica, avaliação formativa e avaliação somativa); e uma terceira seção referente às tendências pedagógicas que fundamentam as práticas educativas (com as subseções tradicional, renovada progressista, renovada não-diretiva, tecnicista, libertadora, libertária e histórico-crítica). As subseções das duas primeiras seções contêm uma pequena frase de esclarecimento entre parênteses, para facilitar o entendimento dos itens da ficha e a sua identificação na aula. As subseções da terceira seção contêm três frases, cada uma referente a um dos vértices do triângulo pedagógico de Houssaye (1988): o professor, o conhecimento e o aluno. Nas duas primeiras seções, os estudantes precisavam preencher os campos enquanto na terceira seção eles deveriam selecionar uma das opções. Sempre que possível, os estudantes respondiam primeiro individualmente, depois discutiam e refaziam suas respostas em trios para só depois, num grande círculo, o professor conferir todos os itens da ficha, perguntando a resposta de cada um deles a dois ou três estudantes. Quando o tempo era mais escasso, suprimia-se o primeiro e/ou o segundo momento, mas sempre permanecendo o terceiro. As fichas foram utilizadas em 13 das 17 aulas das disciplinas de Didática, sendo que, dos 4 dias sem ficha, 2 foram de atividade extraclasse, 1 de aula de encerramento e 1 de exame final (em que não houve aula porque ninguém ficou com nota abaixo da média). O preenchimento da ficha era opcional, mas valia pontos. Do total de pontos da disciplina, 35% vinham do preenchimento da Ficha de Observação.

Figura 1: Ficha aplicada na turma de Didática. Fonte: Eduardo Américo Pedrosa Loureiro Júnior.

FICHA DE OBSERVAÇÃO DIDÁTICA	
___ / ___ / _____	
<b>Dimensões do processo de ensino aprendizagem</b>	<b>Tendências pedagógicas</b>
Humana (relações interpessoais afetivas)	( ) Tradicional
_____	Professor expõe verbalmente
_____	Estudantes memorizam
Técnica (organização da aprendizagem)	Conhecimento transmitido
_____	( ) Renovada progressista
_____	Professor organiza situações
Política (prática pedagógica concreta e situada)	Estudantes aprendem a aprender
_____	Conhecimento descoberto
_____	( ) Renovada não-diretiva
	Professor sensibiliza
<b>Elementos do planejamento</b>	Estudantes escolhem
Objetivo geral (para quê?)	Conhecimento significativo
_____	( ) Tecnista
Conteúdo (o quê)	Professor programa
_____	Estudantes tentam até acertar
Objetivos específicos (em relação ao Conteúdo)	Conhecimento dominado
_____	( ) Libertadora
_____	Professor problematiza
Metodologia (como?)	Estudantes dialogam
_____	Conhecimento conscientizado
_____	( ) Libertária
Recursos (com o quê?)	Professor coordena
_____	Estudantes se auto-organizam
Avaliação Diagnóstica (inicial)	Conhecimento engajado
_____	( ) Histórico-crítica
_____	Professor contextualiza
Avaliação Formativa (processual)	Estudantes discutem
_____	Conhecimento apropriado
_____	( ) ???
Avaliação Somativa (final)	Professor _____
_____	Estudantes _____
_____	Conhecimento _____

Eduardo Loureiro Jr.

Didática Geral 2018.2

eduardo.loureiro@uece.br

Na turma de Metadisciplina, o objeto de estudo é a abordagem pedagógica de mesmo nome e a ficha ganhava mais elementos do design de informação. A abordagem da Metadisciplina faz uso de metodologias ativas e propõe uma disciplina que se faz ao ser ministrada (Silva et

al, 2018). Como a construção é coletiva, a ficha foi apresentada como proposição, podendo ou não ser aceita pelos alunos. Com o aceite, o documento (Figura 2) foi disponibilizado em uma plataforma compartilhada *online* e também como peça gráfica impressa em cores, distribuída a todos os participantes.

A Metadisciplina é fundamentada por três áreas: o Design, a Didática e Semiótica. Com essas áreas, nascem três princípios: querer juntos (a abertura para os interesses dos participantes), fazer juntos (a experimentação compartilhada da teoria) e pensar juntos (a análise racional do processo). Os princípios são aplicados em sala de aula através de nove diretrizes (possibilidades, objetivo e composição; cooperação, metodologia e realização; reflexão, avaliação e consciência) divididas em trios, cada um pertencente a um princípio. A tríade de cada princípio também é composta por três fundamentos (Design: composição, cooperação e consciência; Didática: objetivo, metodologia e avaliação; Semiótica: possibilidades, realização e reflexão). Para que essa informação alcance a compreensão dos alunos, a ficha desenvolvida apresenta os fundamentos, os princípios e as diretrizes em uma disposição sequencial dos elementos. Cria-se uma informação quantitativa por meio da representação das três cores primárias do sistema subtrativo (CMYK), uma vez que a ficha é utilizada no meio impresso, com diferentes porcentagens de cores para o contraste de tons. Leva-se em consideração a legibilidade, entendendo que a cor é uma importante ferramenta para a comunicação visual, por seu potencial em contribuir na organização e na hierarquização dos dados (Quattrer & Gouveia, 2013). Dessa forma, os fundamentos e princípios, que se correspondem, possuem cada um a máxima porcentagem de cor, e cada diretriz possui 50% da cor do princípio a que pertence e 25% da cor do fundamento de origem. As áreas já preenchidas da ficha são, então, a da indicação do princípio, a da diretriz e a da definição da diretriz. As áreas a serem preenchidas pelo estudante pedem a identificação da diretriz em um ou mais momentos da sala e, em seguida, dos sentimentos do estudante relacionados àqueles momentos. Uma legenda abaixo dessas seções informa a cor designada a cada fundamento - observamos essa cor representada em um círculo ao lado do título de cada diretriz, de modo que é possível identificar o fundamento do qual a diretriz se origina.

Figura 2: Ficha aplicada na turma de Metadisciplina. Fonte: Grupo de pesquisa.

	MOMENTO	DEFINIÇÃO	IDENTIFICAÇÃO DO MOMENTO	SENTIMENTOS
QUERER JUNTOS	1. POSSIBILIDADES	Conteúdos da ementa + quereres		
	2. OBJETIVO	Definições de metas de aprendizagem		
	3. COMPOSIÇÃO	Estrutura e planejamentos definidos em conjunto		
FAZER JUNTOS	4.COOPERAÇÃO	Interações e acordos + partilhas		
	5. METODOLOGIA	Execução de estratégias de aprendizagem		
	6. REALIZAÇÕES	Feito, concretizado, resultados		
PENSAR JUNTOS	7. REFLEXÃO	Síntese e análise do processo		
	8. AVALIAÇÃO	Checagem de níveis de aprendizagem		
	9. CONSCIÊNCIA	Reconhecimento da trajetória + evolução		
METADISCIPLINA			<div><div>● DESIGN</div><div>● DIDÁTICA</div><div>● SEMIÓTICA</div></div>	

A forma do documento, assim, passou a refletir o conteúdo trabalhado em aula através dos indicadores de cor, que situam cada seção da ficha em um aspecto das tríades da Metadisciplina. Assim, os participantes não somente compreendiam os tópicos da disciplina, mas atentavam para a função específica de cada um na abordagem. Nessa turma, a aplicação da ficha se deu inicialmente de forma individual, seguida da roda de discussão com toda a classe. Mas, após uma aplicação realizada inteiramente com todos os participantes, a turma manifestou o interesse em adotar essa modalidade até o final da disciplina.

### 3 Resultados

Uma das atividades do final da disciplina de Didática foi a elaboração, pelos estudantes, de uma espécie de memorial de 6 a 10 páginas. O memorial deveria ter quatro partes: 1) Uma narrativa reflexiva sobre os primeiros meses deste ano na vida do estudante como um todo (família, trabalho, vida social, saúde etc.); 2) Uma narrativa reflexiva sobre o semestre acadêmico do estudante (ambiente da universidade, disciplinas que cursou, coisas que aprendeu, desenvolvimento de preparação profissional etc.); 3) Uma narrativa reflexiva sobre a disciplina de Didática (expectativas iniciais, esperanças, resistências, relação com o professor e com os colegas, coisas que o estudante queria aprender e o que conseguiu aprender de cada uma delas, metodologia da disciplina, dimensões da didática (humana, técnica e política) na disciplina, elementos do planejamento que conseguiu aprender eficientemente, compreensão a respeito das tendências pedagógicas etc. 4) Reflexão imaginativa sobre o futuro pessoal, acadêmico e profissional do estudante (como concluirá o curso, pretende ser/continuar professor, que pessoa quer se tornar, como quer transformar o mundo etc.). Os memoriais dos estudantes serviram para avaliarmos a efetividade da aplicação das Fichas de Observação nas turmas de Didática.

Totalizando os estudantes das duas turmas de Didática, dos 39 estudantes que concluíram a disciplina, 37 fizeram o memorial. Embora no roteiro para elaboração do memorial não houvesse indicação de que deveria ser tratado o assunto das fichas de observação, 13 estudantes comentaram a respeito, um deles de maneira neutra, apenas indicando o que era feito em sala de aula: “Ao término das aulas [...] preenchíamos a nossa ficha de observação, que consistia de fazer anotações de como foi ministrada [a] aula do dia e, ao seu término, identificávamos a tendência pedagógica daquela aula.” (Estudante que não quis se identificar.)

Um outro estudante comentou a respeito da aplicação das fichas como mais um meio de interação entre os estudantes durante a disciplina:

Tive facilidade em interagir e fazer amizades com muitos deles [colegas] e um dos principais motivos para isso é a interação que as aulas proporcionam, seja por meio da formação de grupos para realização de atividades em sala, seja em rodas para o preenchimento da ficha de observação didática e do compartilhamento de respostas. (Alderir)

Outros 4 estudantes, comentaram a importância da Ficha de Observação para o aprendizado do conteúdo da disciplina:

A ficha de observação foi uma ótima forma para concluir as aulas e identificar os aprendizados do dia. (Noah)

Sobre as tendências pedagógicas; com o resumo descritivo de suas principais características, tornou o aprendizado melhor de ser absorvido, conforme continha o esquema na ficha de observação. (Nívea)

Para mim, as aulas desta disciplina sempre abordaram todos os aspectos da Ficha de Observação Didática, obviamente desenhada para que, somada ao planejado para a aula, pelo professor, pudéssemos aprender o que nela estava contido, enquanto vivenciando a aula. No fim, adquirir se não o conhecimento, uma base sólida de onde posso galgar o aprofundamento dos tópicos abordados. (Flávio)

Uma parte muito importante das aulas foi o preenchimento da ficha de avaliação, pois através dela os alunos tinham como colocar à prova o seu aprendizado. Uma coisa é ler sobre didática, outra é avaliar dia após dia as aulas apresentadas. (Wellbson)

Para outros 3 alunos, esse aprendizado tinha um caráter de aplicação futura, auxiliando-os

a planejar aulas:

A ficha de observação é um ótimo auxiliador na hora de planejar uma aula. Ao longo das aulas respondemos várias fichas de observação e isso me fez aprender os elementos que elas contêm. (Ruth Mayra)

O que eu queria aprender era como fazer um plano de aula, como dar aula para crianças e como elaborar dinâmicas. O primeiro e terceiro assunto o professor sempre nos mostrava como fazer com a ficha de observação e como ele chegou à dinâmica da aula do dia. (Taynah)

Outro conteúdo que aprendi de forma natural e fora do convencional foi como elaborar um plano de aula, que o professor nos fez entender não só através das diversas atividades, como também através da prática do preenchimento da ficha em todas as aulas. (João)

Mas o preenchimento da ficha não era uma unanimidade e dois estudantes manifestaram o seu descontentamento ao preencher as fichas, incluindo até sugestão de redesign:

A ficha no final é o que menos gosto, mas que às vezes fica até legal. (Wilker)

Confesso que a ficha de observação nos forçou a aprender o conteúdo chave da disciplina, mas eu ficava bem desanimado quando chegava no final da aula e tinha que preencher a ficha. Eu acho isso bem chato, talvez se tivesse um desenho na ficha ela ficasse fofa e ela não seria tão repulsiva. (Filipe)

Outros 2 estudantes atentaram para a dificuldade de seu preenchimento seja no início da disciplina seja já no seu final:

No decorrer da disciplina foi mostrado a nós as diversas variedades nas dimensões da didática. O professor pedia para analisar a ficha no final das aulas e no começo era uma confusão, pois não sabíamos o que escrever e como escrever. (Ari)

Uma coisa na qual ainda tenho bastante dificuldade é com o preenchimento da ficha de aprendizagem na qual a gente tem que entender quais os objetivos daquela aula e entender muitos outros aspectos envolvidos, como a modalidade da aula, a prática pedagógica adotada, dentre outros. (Hugo)

Os comentários dos estudantes em seus memoriais mostram que, de maneira geral, a ficha atingiu seu objetivo de facilitar o aprendizado do conteúdo, mas que ainda há trabalho a ser feito para torná-la mais agradável e mais clara.

Na Metadisciplina, as reações à ficha foram coletadas a partir das memórias de aula e dos diários. As memórias são registros textuais e/ou imagéticos das aulas feitos por dois participantes voluntários a fim de registrar o conteúdo produzido em cada encontro da forma mais integral possível. Já o diário é um documento mais subjetivo, realizado por cada estudante de modo a compartilhar sua perspectiva pessoal a cada aula. Ambos são publicados na plataforma de compartilhamento *online* e possibilitam uma interação geral da turma. O formato da ficha, que referencia o da própria abordagem, suscitou reflexões:

Começamos a aula com uma conversa sobre os significados da ficha em suas subdivisões, eu coloquei que acreditava que a divisão entre o sentir, o fazer e o pensar muitas vezes era puramente didática, que na verdade essas instâncias coexistem em praticamente tudo, porque pensar também é fazer e tudo é sentir. (Renata)

Em uma aula, os participantes jogaram um jogo cuja temática eram fatores que incrementam a aprendizagem em sala de aula. Uma aluna observou a análise da ficha como ponto de partida para maiores discussões:

Depois do jogo, partimos para a análise da ficha. Ao discutirmos como foi a aula, percebemos que alguns fatores que influenciam a aprendizagem já são discutidos na metadisciplina e que cada grupo teve a possibilidade de criar seu jeito próprio de jogar, sendo o jogo também uma ideia para as aulas que acontecerão no módulo 2.

Outra aluna identifica que alguns itens da ficha são mais explorados do que outros a depender da aula.

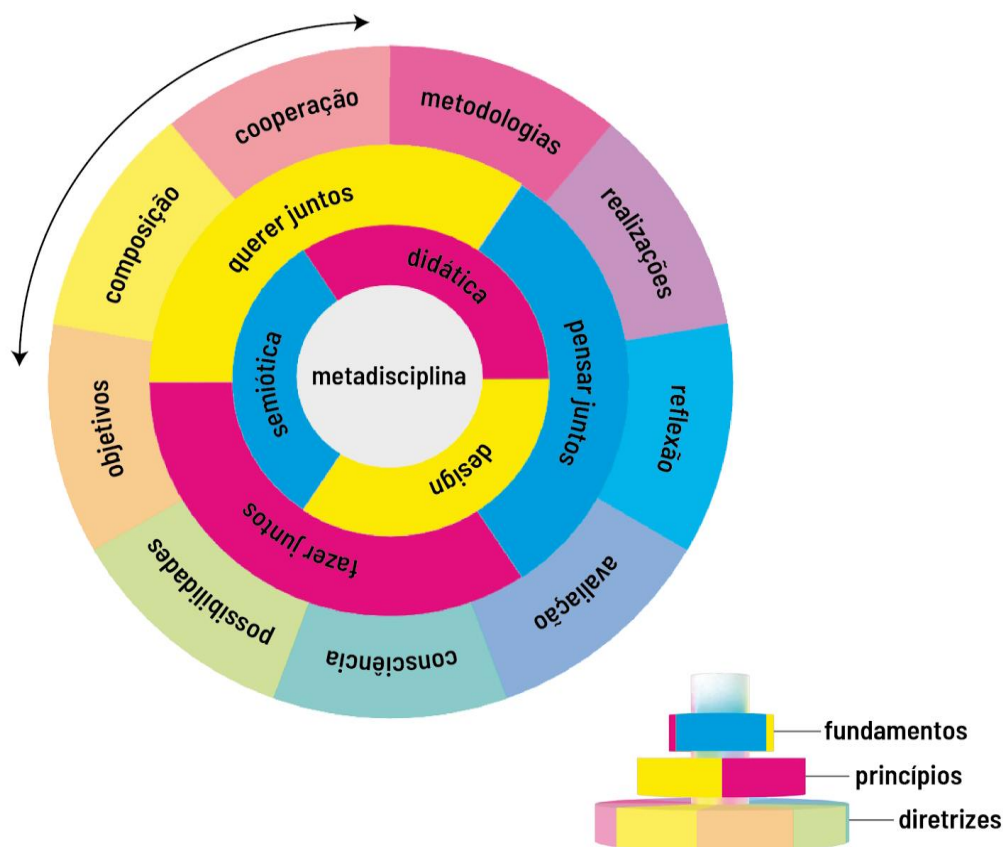
Por fim, foi realizado o exercício de analisar o que aconteceu na aula considerando a ficha da Metadisciplina. Nessa atividade o grupo [...] refletiu que, nessa aula, em particular, o módulo fazer juntos foi o mais vivenciado nesse dia, pois o trabalho foi cooperativo, uma vez que ocorreu diversas interações de atividades e de pessoas. (Adriana)

Outra destacou a importância do instrumento para a compreensão da abordagem: “[...] analisamos as etapas da aula a partir da ficha, o que achei muito interessante como método, pois traz reflexão, nos auxilia a percebermos como trabalhamos juntos e como se estrutura a metadisciplina.” (Aliny)

Apesar disso, também houve confusão: “[...] não consegui preencher o pensar juntos na ficha. Tudo parecia que era a mesma coisa, não sei se é legal.” (Adson)

De modo geral, é possível constatar que a ficha facilitou a imersão no conteúdo. Esta imersão foi especialmente observada no segundo módulo de Metadisciplina, cuja proposta eram aulas conduzidas pelos próprios alunos. A aula de um determinado grupo tinha como objetivo propor uma discussão sobre a educação no século XXI. Para o planejamento da estrutura desta aula, o grupo usou como base a ficha e, assim, garantiu o cumprimento de cada item por parte da turma. Ainda nesse módulo, a turma levantou uma questão sobre o item de avaliação (definida como “checagem de níveis de aprendizagem”) da ficha. Em debate, os participantes perceberam que a avaliação - bem como a autoavaliação, também prevista na Metadisciplina - pode surgir de maneira implícita, não somente quando se dá nota a uma atividade. A checagem da aprendizagem pode ser realizada quando um conteúdo é introduzido e alguém demonstra, de qualquer forma, tê-lo compreendido.

Figura 3: Processo de sistematização dos conceitos da Metadisciplina em março de 2019. Fonte: Grupo de pesquisa.



Além do uso efetivo em sala de aula, a ficha também serviu ao grupo de pesquisa da Metadisciplina, que se encontrava em fase de definição da abordagem, da metodologia e dos métodos. Além do formato utilizado em aula, outro formato foi experimentado (Figura 3). O exercício de síntese na produção da ficha possibilitou uma visão geral dos elementos, da estrutura e das relações entre os fundamentos, princípios e diretrizes, auxiliando no processo de sistematização da metodologia e identificação dos métodos da abordagem. Enquanto a



ficha em tabela pode representar um sentido de progressão linear das diretrizes como forma de evolução no processo de aprendizagem (das possibilidades à consciência), o infográfico redondo expressa a fluidez e continuidade das diretrizes em relação aos princípios e fundamentos.

## 4 Conclusões

A conclusão a que chegamos é que a Ficha de Observação se revelou, sim, um instrumento importante de design de informação para a melhoria da aprendizagem dos estudantes e para a avaliação contínua do processo de ensino. Como a aplicação das fichas representa uma certa garantia de aprendizado dos conteúdos fundamentais, sua utilização também libera tempo na aula para uma maior realização de atividades experimentais.

Claro que, com apenas um semestre de uso, não se pode dizer que as fichas chegaram a um formato definitivo: tanto seu conteúdo quanto sua forma precisam de alterações a partir do feedback dos estudantes. Alguns desses feedbacks, no que se refere à ficha aplicada na disciplina de Didática, indicam que a ficha de observação deve ser visualmente mais agradável e precisa conter informações que facilitem o seu preenchimento.

Na Metadisciplina, se deve observar como a natureza da abordagem tem influência na configuração e no uso da ficha. A cada aplicação há um aprimoramento da prática e, com ela, a possibilidade de reformular a estrutura de informações. Houve tentativas de aplicar a ficha em outras metadisciplinas do curso de Design: em Semiótica e em Desenho de Observação (DO). A Semiótica possuía uma intensa carga teórica, o que dificultou sua síntese, enquanto em DO a Metadisciplina estava sendo aplicada pela primeira vez e houve uma mudança estrutural de conteúdos, que impossibilitou a formulação prévia da ficha. O grupo de pesquisa tem intenção de estudar formas de torná-la o mais adaptável possível em qualquer aplicação da Metadisciplina.

De modo geral, é preciso empregar as fichas em mais disciplinas, com conteúdos fundamentais diferenciados, para avaliar melhor sua possível eficácia em outros contextos.

## Referências

- Alves, G. L. (2017). *O trabalho didático na escola moderna: formas históricas*. Campinas: Autores Associados.
- Gadotti, M. (2000). *Perspectivas atuais da educação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Hattie, J. (2012). *Visible learning for teachers: Maximizing impact on learning*. Abingdon-on-Thames: Routledge.
- Houssaye, J. (1988). *O triângulo pedagógico ou como entender a situação pedagógica*. Rouen: Universidade de Rouen.
- INEP (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira). (2018). *Sinopses estatísticas da Educação Superior: 1995 a 2017*. Brasília: INEP. Disponível em: <<http://inep.gov.br/web/guest/sinopses-estatisticas-da-educacao-superior>>. Acesso em: 01 jul. 2019.
- Quattrer, M., & Gouveia, A. P. S. (2013). Cor e Infográfico: O Design da Informação no livro didático. *InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação*, 10(3), pp. 323-341.
- Silva, A. L. D. S. V. et. al. (2019). Metadisciplina na inter-relação entre o design e a educação. Em ANDRADE, D. F. (Ed.). *Educação no século XXI: Artes & Design* (pp. 175-187). Belo Horizonte: Poisson.

### **Sobre o(a/s) autor(a/es)**

Eduardo Américo Pedrosa Loureiro Júnior, PHD, UECE, Brasil <eduardo@patio.com.br>

Anna Lúcia dos Santos Vieira e Silva, PHD, UFC, Brasil <lilu@dau.ufc.br>

Lya Brasil Calvet, UFC, Brasil <calvetlya@gmail.com>

Adson Pinheiro Queiroz Viana, UFC, Brasil <adson.queiroz12@gmail.com>